



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- LÍNGUA INGLESA**

EMANUEL ALVES NETO

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA
ATRAVÉS DA PERSONAGEM MORTE NOS QUADRINHOS DE *SANDMAN*,
DE NEIL GAIMAN**

**CAMPINA GRANDE
2021**

EMANUEL ALVES NETO

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA ATRAVÉS
DA PERSONAGEM MORTE NOS QUADRINHOS DE SANDMAN, DE NEIL
GAIMAN**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Thiago Almeida

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474r Alves Neto, Emanuel.

A reinterpretação da morte na sociedade pós-moderna através da personagem morte nos quadrinhos de Sandman, de Neil Gaiman [manuscrito] / Emanuel Alves Neto. - 2021.

28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Morte. 2. Símbolo. 3. Mito. 4. História em quadrinhos - HQs. 5. Sociedade Pós-Moderna. I. Título

21. ed. CDD 401.41

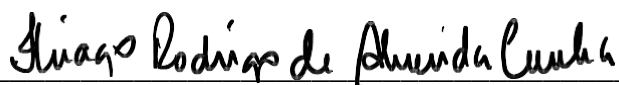
EMANUEL ALVES NETO

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA ATRAVÉS
DA PERSONAGEM MORTE NOS QUADRINHOS DE SANDMAN, DE NEIL
GAIMAN**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduado em Letras – Língua
Inglês.

Aprovada em: 09/03/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá
UniNassau / UFPE



Prof. Me. Valécio Irineu Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pela fé que teve em mim,
DEDICO.

“É apenas isto: se você vai ser humano, tem um monte de coisas no pacote. Olhos, um coração, dias e vida. Mas são os momentos que iluminam tudo. O tempo que você não nota que está passando... é isso que faz o resto valer.” – Morte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Personagem Morte ao lado de Cinamon Hadley.....	16
Figura 2 - Sexton não acredita nas palavras de Morte.	17
Figura 3 - Morte conversa com seu irmão, Sonho.....	19
Figura 4 - Morte conversa com um senhor que acaba de morrer.....	20
Figura 5 - Morte conversa com Rainie.....	21
Figura 6 - Didi conta para Morte como foi estar viva por um dia.	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
2.1 A Construção das representações da morte: símbolos como representações do desconhecido	9
2.2 Origem dos mitos através do inconsciente coletivo e arquétipos	11
2.3 A morte representada nos mitos	12
2.4 A morte e a pós-modernidade.....	14
3 METODOLOGIA	15
4 ESTÉTICA E POÉTICA DA MORTE	16
4.1 Símbolos e antropomorfização da morte.....	16
4.2 Narrativa da morte dentro de Sandman	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA ATRAVÉS DA PERSONAGEM MORTE NOS QUADRINHOS DE *SANDMAN*, DE NEIL GAIMAN

THE REPRESENTATION OF DEATH IN THE POSTMODERN SOCIETY THROUGH THE CHARACTER DEATH IN *SANDMAN'S* COMICS, BY NEIL GAIMAN

NETO, Emanuel Alves¹

RESUMO

A morte sempre esteve dentre os maiores mistérios da humanidade, uma vez que não sabemos o que há depois desse limiar. Jung (2016) aponta para o fato de termos a necessidade de criar símbolos, representações e mitos para o que está além de nossa compreensão, e com a morte isso não é diferente. Tendo isso em vista, este trabalho tem como objetivo compreender o significado dos símbolos e mitos acerca da morte na sociedade pós-moderna, a partir da personagem Morte, dos quadrinhos de *Sandman*. Tentaremos também analisar os elementos visuais e narrativos que integram a personagem dentro da obra; e estabelecer uma relação entre a personagem, mitos e sociedade pós-moderna. Para isso, utilizamos as teorias de Jung (2016) e Eliade (1972) para uma compreensão sobre símbolos, representações e mitos que possuem relação com a morte, e como, através da obra e de seus elementos narrativos e visuais, suas interpretações constroem uma percepção de morte pela sociedade pós-moderna. Assim, através desses elementos, foi possível destacar semelhanças e diferenças, para então compreendermos como se dava a representação da morte em determinados mitos e como ela se relaciona com a personagem da HQ. Finalmente, foi possível concluir que, visualmente, Morte e os elementos estéticos que a constituem, se assemelham com os de qualquer outra pessoa de nossa época pós-moderna, mas do ponto de vista narrativo, ela traz à tona misticidade e sobrenaturalidade que há muito perderam espaço na nossa sociedade devido à nossa racionalização.

Palavras-chave: Sandman. Morte. Mito. Símbolos.

ABSTRACT

Death has always been one of the greatest mysteries of mankind, since we do not know what awaits us beyond this threshold. Jung (2016) points to the fact that we need to create symbols, representations and myths for what is beyond our comprehension, and with death this is no different. Considering this, this work aims to understand the meaning of symbols and myths about death in postmodern society, based on the character Death, in *Sandman's* comics. Also, we will try to analyze the visual and narrative elements which integrate the character within the work and establish a relationship between the character, myths and postmodern society. For this, we use the theories of Jung (2016) and Eliade (1972) to understand symbols, representations and myths which are related to death, and how, through the work and its narrative and visual elements, their interpretations portray a perception of death by postmodern society. Thus, through these elements, we were able to highlight similarities and

¹ Graduando em Letras – Inglês (Universidade Estadual da Paraíba)
teacher.alves1@gmail.com

differences, so that we could understand how death was represented in certain myths and how it relates to the character from the comics. Finally, it was possible to conclude that, visually, Death and the aesthetic elements that constitute it, resemble those of anyone else in our postmodern era, but from the narrative point of view, it brings to the surface the mysticism and supernaturalism which long ago have lost space in our society due to our rationalization.

Key-Words: Sandman. Death. Myth. Symbols.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos de *Sandman* foram criadas pelo escritor britânico Neil Gaiman e publicadas ao longo de 75 edições, com mais algumas histórias extras, entre os anos de 1988-1993 pela *DC Comics*, através de um selo da editora para um público mais maduro e adulto: o selo *Vertigo*.

As narrativas presentes na obra destacam-se entre o meio das HQs tradicionais pelo seu conteúdo altamente profundo, filosófico, literário, poético, pelo seu grande apelo à cultura pop da época em que foi publicada, história, mitologia e também religião.

Sandman se trata de uma obra altamente aclamada e premiada, estando no topo dos mais renomados quadrinhos, sendo a primeira HQ mensal da história a ganhar o prêmio *World Fantasy Awards*, um dos maiores prêmios de literatura de fantasia do mundo. Vale ressaltar que esse sucesso não se deve apenas pelo seu roteiro, mas também pelas artes presentes em suas páginas, que contam com ilustradores altamente consagrados como Sam Kieth, Dave McKean e Jill Thompson. Unindo roteiro e desenhos marcantes, que juntos compõem esta obra única e considerada um marco no mundo dos quadrinhos.

As histórias de *Sandman* tratam da relação dos perpétuos (sete irmãos que regem os aspectos de todos os seres vivos no universo, sendo eles: Sonho, Desejo, Delírio, Destruição, Destino, Desespero e Morte) e os mortais. Ou seja, temos uma visão de como entidades que estão no topo de qualquer hierarquia enxergam e relacionam-se com seres efêmeros, que estão alheios a suas responsabilidades e sequer sabem da existência de tais figuras que estão acima até mesmo dos deuses dentro do universo da obra.

Porém, o estudo aqui realizado não irá analisar a obra como um todo. Nosso foco será em uma personagem desse grandioso universo, Morte², que ao longo das publicações acaba por se tornar a personagem mais carismática de toda a HQ, ganhando inclusive, a publicação de um volume exclusivamente sobre ela. Intitulado “Morte Edição Definitiva”, essa edição encadernada reúne todas as suas histórias, artes conceituais e algumas informações exclusivas, servindo de prova definitiva do sucesso da personagem e de como ela conseguiu ganhar seu espaço e se destacar em meio a tantas outras figuras envolventes na HQ.

Os temas abordados nas histórias de Morte foram os grandes motivadores para a realização deste trabalho, sendo eles: recomeço; valorização da vida; e libertação. Embora a personagem seja a personificação do fim da vida, ela é completamente humanizada, transmitindo lições de esperança, completa paz, ensinamentos a respeito da nossa existência e mostra o valor que uma vida possui, mesmo a do mais

² Para facilitar o entendimento, haverá uma distinção entre Morte com a inicial escrita em letra maiúscula (referindo-se à personagem), e morte com a letra minúscula (referindo-se ao ato de morrer).

insignificante ser, assim, sendo retratada como uma espécie guia de espiritual dentro de histórias altamente sensíveis e reflexivas a respeito da vida.

Trindade (2012) destaca que tudo isso se contrasta com a ideia de morte presente na nossa sociedade pós-moderna, em que a mesma é banalizada e vista com uma naturalidade sem igual, onde a violência e a sua presença em todos os lugares nos tornou insensíveis à morte, por vezes até mesmo negando-a.

Tendo isso em vista, este trabalho se propõe a compreender o significado dos símbolos e mitos acerca da morte dentro da obra; analisar os elementos visuais e narrativos que integram Morte; e estabelecer uma relação entre a personagem, mitos e sociedade pós-moderna, para tanto, apresentaremos noções e representações da morte através de seus mitos e crenças em diferentes sociedades de diferentes locais e tempos e depois traçaremos um paralelo com o ideal de morte construído no mundo contemporâneo.

Utilizaremos a teoria de Jung (2016) e Eliade (1979) para compreendermos sobre símbolos e representações, em seguida veremos as variadas representações da morte em alguns mitos através de Brandão (1986), Giacoia (2005), Wilkinson (2003) e entre outros. Como a extensão desse trabalho não possibilita apresentar as representações de todas as sociedades que já existiram, decidimos utilizar recortes distintos de determinados mitos de lugares e períodos de tempo diferentes para exemplificar como o ato de morrer, suas interpretações e o sentimento que ele transmite variam entre as diferentes culturas e que suas concepções são as mais diversas possíveis.

Logo após, será realizada uma análise de elementos visuais, simbólicos, e narrativos que caracterizam a personagem dentro da obra. Tendo em vista que se trata de uma HQ também será realizada uma análise de elementos deste gênero textual que tornam a representação da personagem bastante característica e singular, e como isso se relaciona em sua composição dentro da narrativa da obra.

Por fim, iremos nos voltar para a nossa própria época, para tentarmos entender como a morte é compreendida nos dias de hoje, tanto suas representações visuais, quanto seus conceitos e interpretações, e como eles se relacionam com a personagem da HQ. Será utilizada a teoria de Jung (2016) e Trindade (2012) para a elucidação desses temas. Para assim podermos estabelecer uma relação entre a representação construída hoje, a representação mitológica e a representação presente na obra, observando pontos onde há semelhanças ou divergências entre elas

A seguir, veremos como os símbolos se originam para representar elementos que estão fora da compreensão humana, neste trabalho em particular a morte é o tema chave, assim, criando os mitos que conhecemos com as mais diversas interpretações e significados que variam de acordo com a sociedade e tempo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A construção das representações da morte: símbolos como representações do desconhecido

O ser humano tende a ter medo e receio daquilo que lhe é desconhecido e do que está além da sua compreensão mortal. Jung (2016) afirma que sempre haverá um limite para as nossas percepções conscientes e que não importa o quanto

tenhamos as expandir, iremos encontrar um limiar que não pode ser transposto não importa o que façamos.

A morte em si, que é objeto de estudo deste trabalho, entra neste campo incógnito para a humanidade, uma vez que ela “(...) é caracterizada pelo mistério, pela incerteza e, conseqüentemente, pelo medo daquilo que não se conhece, pois os que a experimentaram não tiveram chances de relatá-la aos que aqui ficaram” (CAPUTO, 2008, p.73). O fato de não saber o que há além da morte nos faz imaginar e refletir sobre essa questão, mas tudo isso de maneira vã, assim, o ser humano através das eras tentou encontrar de diversas maneiras uma resposta para essa questão, e utilizou diversos meios para isto: mitos, lendas, religião, filosofia, arte, etc. Mas sem nunca obter uma resposta plausível elucidar essa questão sobre o confronto com o fim irremediável, assim, seguindo um alinhamento com o existencialismo ateu sartriano³ para a concepção de mitos e morte na pós-modernidade. Tendo isso em vista, é válido ressaltar que este trabalho não pretende desvalidar ou desconsiderar crenças e religiões, apenas alinha-se com uma vertente de pensamento que se afasta delas.

Na tentativa de sanar essas limitações de conhecimento, o homem passou a produzir, inconscientemente, símbolos para tentar representar essas ideias que estavam além de seus sentidos conscientes. Jung define símbolo como:

(...) um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. (JUNG, 2016, p.18).

Ou seja, símbolos carregam sentidos muito maiores e mais profundos do que eles aparentemente expressam, representam concepções que para nós são impossíveis de definir ou que são parcialmente incompreensíveis. O autor ainda explica que “Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão” (JUNG, 2016, p. 19), isso significa que as concepções por trás de um símbolo podem ser inúmeras e também as mais variadas, em que praticamente não há limite de significados que um símbolo pode carregar dentro de si, sendo importante ressaltar que um símbolo pode ter um significado diferente dentro de um contexto em particular, assim, precisamos levar em consideração sua época, sociedade e uma série de outros fatores.

Os sentidos carregados pelos símbolos podem ser mais amplos de acordo com os indivíduos que entram em contato com ele e os interpretam através das suas próprias vivências. Assim, quanto maior o nível de experiência social, política, religiosa ou psicológica, mais abrangente pode ser o seu entendimento do significado daquele símbolo.

Vale ressaltar que essa é uma visão individual e particular que parte de cada indivíduo, que, por sua vez, pode ter uma interpretação ligeiramente diferente de determinado símbolo se comparado com outra pessoa, ou seja, pessoas diferentes possuem diferentes interpretações para os símbolos e seus significados. Mas o que nos interessa aqui não são símbolos com significados individuais, pelo contrário, são símbolos que possuem um significado coletivo.

Símbolos coletivos, como seu próprio nome define, são representações que não partem apenas de um indivíduo, mas de um grupo. Eles surgem principalmente

³ “O existencialismo ateu sartriano faz pensar na morte como intrínseco ao ser humano, logo este limite de acontecimento dado na morte, esta cessação das possibilidades e da liberdade do ser como totalidade em processo de ser, coloca o humano cara a cara com seu fim, como sua morte” (FONTANA, 2020).

no âmbito religioso, que é justamente o que nos interessa aqui, pois a eles é atribuída uma forte ligação com seus mitos, crenças e o divino.

Segundo Jung, esses símbolos fundem aspectos do inconsciente e do consciente, uma vez que são “(...) objetos de uma elaboração cuidadosa e consciente. (...) sua origem está tão dada nos mistérios do passado que parece não ter qualquer procedência humana” (JUNG, 2016, p.65). Ou seja, seu primórdio remete a épocas primitivas, nascendo no inconsciente ancestral de sociedades que lhes atribuía uma origem divina, como uma espécie de revelação, e que perduram até os dias de hoje, mas que ao longo do tempo sofreram transformações tanto em suas formas quanto nos seus significados e concepções, tudo isso de maneira consciente e intencional.

Eliade (1979) defende essas transformações dos símbolos afirmando que eles “podem mudar de aspecto, mas a sua função continua a ser a mesma: basta retirar-lhes as suas novas máscaras” (ELIADE, 1979, p.17). Isto é, há uma espécie de eternidade nos símbolos, alguns surgiram de tempos imemoriais e perduram até hoje, se transformando e se reinventando, porém, nunca perdendo seus significados.

Assim também são os mitos, que nasceram em tempos antigos e se perpetuaram até os dias de hoje. Partindo dos símbolos e indo em direção à compreensão dos mitos e crenças religiosas com que eles se relacionam, com a finalidade de estabelecermos uma ponte com as concepções de morte nas sociedades, precisaremos ir mais a fundo na teoria de Jung até chegarmos no inconsciente coletivo e nos arquétipos, para podermos entender como se dá sua origem segundo os estudos do autor.

2.2 Origem dos mitos através do inconsciente coletivo e arquétipos

Para entendermos o que são os mitos e como eles se relacionam com diversos temas, inclusive a morte, é necessário compreendermos duas concepções junguianas que explicam sua origem: o que são arquétipos e o que é o inconsciente coletivo.

As pessoas carregam em uma parte inconsciente da sua psique conteúdos que não foram adquiridos por eles de forma individual, mas que lhe foram herdados psicologicamente de seus ancestrais, sendo chamado de inconsciente coletivo.

“(...) os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade.” (JUNG, 2000, p. 53). Ou seja, seu conteúdo é universal e inato ao indivíduo pois ele não vivenciou nenhuma das experiências que nele estão presentes, experiências que Jung viria a chamar de arquétipos.

Nas palavras de Jung, o arquétipo é definido como uma certa disposição inata ao ser humano de elaborar “(...) representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder sua configuração original” (JUNG, 2016, p.83). O “motivo” aqui mencionado também pode ser chamado de “tema”, ambos podem ser compreendidos como uma espécie de ideia fundamental. Ou seja, arquétipo é uma espécie padrão de representação de ideias, mesmo quando elas vêm com uma roupagem diferente, o padrão é o mesmo.

Podemos tomar como exemplo o arquétipo dos irmãos inimigos que é encontrado na Bíblia através da história de Caim e Abel, e o mito da fundação de Roma através de Rômulo e Remo. Embora sejam totalmente distintas, ambas as histórias possuem uma espécie de ideia central semelhante, que seria o tema ou motivo: irmãos que se desentendem, o que culmina no assassinato de um pelas mãos do outro, isso seria o arquétipo.

O autor ainda afirma que a origem dos arquétipos nos é desconhecida, apenas sabemos que são uma herança psicológica de indivíduos de eras ancestrais, assim como também é impossível saber seu número exato. Devido a sua inerência ao ser humano e sua diversidade de temas, os arquétipos são apontados como os responsáveis pelo que chamamos hoje de mitos, que é parte do nosso foco neste trabalho, além das religiões, filosofias, etc.

Um arquétipo bastante presente nos mitos é a figura da morte, que, como veremos a seguir, segue a lógica apresentada nos símbolos, ou seja, muda seu aspecto visual, porém preserva seu significado.

2.3 A morte representada nos mitos

Para entendermos como um mito influenciava uma sociedade, primeiro precisamos entender seu conceito e que relevância ele tinha para sua época. Eliade (1972) define mito como:

Uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo" (ELIADE, 1972, p. 9).

Ou seja, os mitos são histórias sagradas de intervenções de entidades divinas ou sobrenaturais no mundo humano, sendo originados pelos temas de Jung já mencionados anteriormente. Devido a esse fato, as histórias que compõem os mitos são as mais diversas possíveis, abordando várias situações que poderiam ser cotidianas para determinadas sociedades, lições de moral ou buscando dar uma resposta para o que está fora da esfera de compreensão humana.

Como dito anteriormente, não iremos fazer uma apresentação da representação da morte e do morrer em todas as mitologias, uma vez que isso é praticamente impossível. O foco no presente trabalho é selecionar alguns recortes distintos de mitologias e usá-los como exemplos de como essas representações e costumes acerca da morte variam de cultura para cultura.

Serão usadas como exemplos três mitologias: grega, egípcia e hindu. Essa escolha se deu pelo fato de serem crenças bem distintas umas das outras, assim, poderemos ver concepções mais variadas, já que estamos utilizando mitologias de povos que estavam distantes tanto fisicamente quanto temporalmente. E como Jung (2016) defende, esses fatores têm bastante influência, já que cada povo tinha uma concepção própria da ideia de morte.

Brandão (1986) afirma que na mitologia grega a morte era representada pelo deus Tânatos (também pode ser escrito como Thánatos), irmão gêmeo de Hipno, o deus do sono e, ambos sendo filhos da própria noite, a deusa Nix que era filha do Caos. É curioso o fato de o autor afirmar que o deus da morte não possui um mito próprio, ele aparece apenas como desafio ou ameaça a ser vencida em outros mitos.

“Tânatos, que tinha coração de ferro e entranhas de bronze, é o gênio masculino alado que personifica a Morte” (BRANDÃO, 1986, p.226). Assim era uma das várias descrições e representações para o deus, além dessa temos:

Tânatos é representado por um túmulo, uma personagem armada com uma foice, um gênio alado, dois jovens, um preto, outro branco, um esqueleto, um cavaleiro, uma dança macabra, uma serpente, um animal psicopompo, como o cavalo, o cão... (BRANDÃO, 1986, p. 227).

Fica evidente que o deus possui várias representações obscuras e que causam repulsa, justamente por ser a morte encarnada, também sendo retratado como um personagem cruel nos mitos em que aparece, uma vez que “do ponto de vista simbólico, Tânatos é o aspecto perecível e destruidor da vida” (BRANDÃO, 1986, p.227). Mesmo sendo retratado assim, o autor ainda explica que embora seja o fim inevitável, Tânatos também simboliza a morte como uma mudança ou transição:

(...) pode ser a condição de ultrapassagem de um nível para um outro nível superior. Libertadora dos sofrimentos e preocupações, a Morte não é um fim em si; ela pode nos abrir as portas para o reino do espírito, para a vida verdadeira: mors ianua vitae, a morte é a porta da vida. (BRANDÃO, 1986, p. 227).

Nos ritos funerários gregos Giacoia (2005) afirma que era utilizada a cremação, a qual marcava uma nova condição existencial para seus defuntos, para o que o autor denomina como condição social de mortos. O autor ainda afirma que existiam dois tipos de ritos funerários, o primeiro para as pessoas comuns, estas que eram cremadas e enterradas em valas, juntas com tantas outras iguais a elas. O segundo tipo era a cremação em uma pira para os heróis, em que havia uma cerimônia grandiosa que o eternizava.

Na mitologia hindu há dois deuses relacionados intimamente com a morte, primeiro temos Yama que é genuinamente o deus da morte, ele é descrito como um deus que “(...) cavalga um búfalo carregando um laço e uma clava que utiliza para a captura de suas vítimas. É aquele que governa a terra dos mortos e sempre está acompanhado por dois cães de quatro olhos cada” (SILVA e VAZ, 2002, p. 19). E temos Kali, uma deusa guerreira que quando furiosa, provoca destruição e caos, sendo capaz de quebrar o ciclo de reencarnações em que os hindus acreditavam, ou seja, condenando-os ao reino de Yama eternamente.

Embora pareça que Yama seja uma figura maléfica, é necessário entender que ele não se encaixa no conceito de bom ou mau. Ele é necessário, uma vez que através das punições que inflige há a purificação das pessoas que cometeram atos ruins em vida, assim, havendo uma expiação, como é dito no Portal dos Mitos⁴.

Os hindus, como também afirma Giacoia (2005), assim como os gregos, tinham o costume de cremar os corpos dos seus mortos, porém, diferentemente dos gregos, que tinham esse rito com a intenção de guardar as cinzas dos defuntos em sua memória. Os hindus cremavam o morto com o objetivo de extinguir sua identidade, personalidade e inserção social. Por fim suas cinzas eram dissipadas aos ventos e aos rios, dispersando qualquer traço de identidade do falecido. Tudo isso ocorria para que a pessoa fosse expurgada de sua vida terrena e pudesse encontrar o Nirvana, que seria o local de paz absoluta.

Na mitologia egípcia também há dois deuses relacionados à morte: nos primórdios havia Anúbis, sendo considerado o deus dos mortos, ele possui corpo

⁴ Portal dos Mitos, 04/12/2013- Yama. Disponível em:

<<http://portal-dos-mitos.blogspot.com/2013/12/yama.html>> Acesso em: 02/nov/2019

humano e cabeça canina, muitas vezes dita ser de um chacal, essa relação com a morte surge do fato de os animais caninos estarem sempre por perto dos cemitérios como carneiros escavando covas para se alimentar de restos mortais. E Osíris, representado como uma múmia de pele escura, que ascendeu após ser esquartejado e morto por seu irmão Seth, sendo revivido e tomando algumas responsabilidades de Anúbis, transformando-o num deus menor (WILKINSON, 2003).

Segundo o autor, Anúbis é associado ao processo de mumificação, inclusive sendo o responsável pela mumificação e ressurreição de Osíris, que ressurgiu para reinar como deus do mundo inferior, simbolizando a vida após a morte. Silverman (2002) afirma que Osíris passou a ser responsável pelo tribunal onde os mortos eram julgados de acordo com seus atos. O coração do falecido era pesado em uma balança contra o peso de uma pena, e, se os seus atos em vida fossem considerados justos, verdadeiros e bons, ele seria recompensado com a imortalidade. Aqueles que fossem injustos seriam devorados por uma besta.

Com esses exemplos pudemos ver que um fator muito importante para a caracterização da identidade de um povo é a maneira com que ele trata da morte e daqueles que morreram. Isso tem um papel fundamental na construção da tradição social e nos costumes de uma sociedade (GIACOIA, 2005).

2.4 A morte e a pós-modernidade

Por fim, chegamos em nosso tempo, em que vivemos na era da tecnologia e informação, quando pudemos tornar nossa visão majoritariamente racional para as coisas do mundo, assim, desmistificando-as de todo o mistério e simbolismo que carregam. As tradições morais e espirituais do homem desfizeram-se a partir desse processo de racionalização, agora vivemos em um mundo com um baixo nível de sensibilidade e um alto nível de dissociação e desorientação, como afirma Jung (2016).

Nos dias de hoje a morte é um assunto a ser evitado e deixado de lado, pois as pessoas não dão a ela a devida importância, tornando-se um empecilho. Trindade (2012) afirma:

Hoje, basta apenas enunciá-la para provocar uma tensão emocional incompatível com a regularidade da vida cotidiana. A sociedade contemporânea privou o homem de sua morte, só a devolvendo caso ele deixe de usá-la para perturbar os vivos. Reciprocamente, ela proíbe os vivos de parecerem comovidos com a morte dos outros, não lhes permite nem chorar os que se vão, nem fingir chorá-los. (TRINDADE, 2012, p. 77).

A autora ainda critica a banalização que foi criada acerca da morte, em que a violência que assola o mundo contemporâneo nos fez insensíveis a ela, sua alta exposição nas mídias fez com que nos tornássemos insensíveis.

Esse pensamento é reforçado por Jung: “À medida que se aumenta o conhecimento científico, diminui o grau de humanização do nosso mundo” (JUNG, 2016, p.120). Portanto, devido à indiferença do homem em relação à morte, até mesmo da sua, a morte passou a ser marginalizada, perdendo os significados que já teve um dia, como pudemos ver nos mitos antigos.

Essa negação da morte acaba gerando conseqüentemente a negação do status de morto de um indivíduo. O cadáver é tratado com químicos e vestido em uma

roupa elegante, assim, dando-lhe uma aparência mais vívida. Após isso haverá um funeral e serão reunidos amigos e familiares, haverá muitas flores e música (TRINDADE, 2012). Isso traz à tona um jargão sempre presente nos funerais, de que o falecido estará vivo sempre na memória das pessoas.

Isso tudo é resultado do que a autora afirma ser o fim da individualização do sujeito, uma vez que este, como unidade, se torna irrelevante para a sociedade massificada com a tecnologia, o consumo, a cultura, a política e etc. Sua morte deixa de ser impactante para o ritmo acelerado da sociedade.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que reúne informações de outros trabalhos; livros; e artigos, assim analisando-os e coletando dados necessários para a geração da solução do problema estudado, como aponta Fonseca (2002).

Também é uma pesquisa qualitativa, uma vez que segundo Gerhardt e Silveira (2009), seus resultados não podem ser quantificados, mas sim explicados, levando à produção de informações inéditas. Ainda segundo os autores, a pesquisa qualitativa tem como finalidade “explicar o porquê das coisas”, e isso se dá através de uma reunião e análise de informações pelo pesquisador.

Portanto, esta pesquisa utiliza-se dessas abordagens para estabelecer uma relação sobre como os aspectos representativos da personagem Morte do quadrinho *Sandman* contrastam e se assemelham com aspectos históricos, culturais e filosóficos presentes na sociedade atual e também nos mitos antigos, uma vez que a personagem descontrói alguns conceitos obscuros e melancólicos sobre o ato de morrer construídos histórica e culturalmente.

Para analisar os aspectos do quadrinho mais adiante, primeiro precisamos definir o gênero. Vergueiro (2010), conforme citado em Lima e Dias (2013, p.4) define esse gênero textual como a junção de dois elementos: o visual e o verbal. Cada um desses elementos transmite um tipo de mensagem diferente, em que a parte verbal se encarrega de transmitir o que está escrito e a visual o que foi desenhado. Santos (2003, apud. SILVA e OLIVEIRA, 2015, p.6) aprofunda essa ideia e explica que esses elementos se complementam e dependem um do outro para realizar a tarefa de transmitir a mensagem completa para o leitor.

Primeiro, serão analisados os elementos visuais característicos da personagem, para isto serão utilizadas as teorias de Jung (2016) e Caputo (2008) para observarmos porque damos forma e associamos símbolos à morte. Em seguida, veremos como os arquétipos estabelecidos por Jung (2000) transformaram-se em mitos que mudavam seu aspecto visual de acordo com cada sociedade, mas mantinham sua ideia fundamental intacta, assim como Eliade (1979) também reforça essa ideia quando se trata de símbolos, uma vez que a personagem carrega dois símbolos, a Ankh e o Olho de Hórus, que surgiram na sociedade egípcia, cujos significados se relacionam com o papel desenvolvido por ela.

Logo após serão analisados os aspectos narrativos da personagem dentro de três histórias: O Som de Suas Asas, Fachada, e O Alto Preço da Vida. Estas, foram escolhidas por sua variedade temática nas quais podemos ver as várias facetas e personalidade de Morte, em que primeiro veremos a própria concepção que o autor da personagem, Neil Gaiman, tem sobre ela. Em seguida, voltaremos para dentro de suas histórias, nas quais Morte traz consigo concepções mitológicas para a sociedade

pós-moderna, conforme definidas por Trindade (2012), pois podemos observar que abdicou de suas crenças a respeito da morte, onde a correria da cidade sufoca qualquer um desses aspectos mitológicos que a personagem apresenta.

Morte é retratada como uma garota gótica, pálida e de cabelos negros, muito bela e bem-humorada que atrai a atenção e simpatia de todos com quem se envolve, esbanjando carisma. O desenhista Mike Dringenberg, que criou o design da personagem, se inspirou em uma amiga para criar a aparência de Morte. Seu visual foi baseado na estilista Cinamon L. Hadley, conforme ilustração a seguir.

Figura 1 - Personagem Morte ao lado de Cinamon Hadley



Fonte: Terraverso (2018).

4 ESTÉTICA E POÉTICA DA MORTE

Apresentaremos separadamente os elementos visuais e narrativos da obra, que trabalham em conjunto para a significação da personagem e das ideias que ela representa, observando como ela age nas histórias da HQ e como seu comportamento e aparência se distinguem ou se assemelham com as concepções de mortes mitológicas construídas socialmente e também da morte na pós-modernidade.

4.1 Símbolos e antropomorfização da morte

Como visto nos mitos, não é de hoje que são dadas à morte características antropomórficas, ou que símbolos são associados a ela. Como afirmado por Jung (2016) e Caputo (2008), isso surge da necessidade humana de atribuir significado ao que lhe é desconhecido. Ou seja, a partir das limitações e lacunas do seu conhecimento, inconscientemente, o homem passou a representar o desconhecido de

maneiras compreensíveis e significativas para ele, de modo que podemos observar a perpetuação dessas representações até os dias de hoje.

Povos e sociedades distintas tinham suas próprias representações e símbolos para diversos temas arquetípicos, nesse caso, em particular, representações para a morte. Esses temas são herdados por nós através do inconsciente coletivo, conforme mencionado anteriormente (Cf. Jung, 2000). O tema morte é muito recorrente nos mitos, porém sempre aparecendo com roupagens distintas.

Embora a sociedade pós-moderna tenha, em alguns aspectos, se tornado alheia à morte, ainda são carregados vagamente traços herdados de sua imagem. Ela difere muito da Morte mostrada na HQ, na qual se observa uma garota de aparência atraente, pálida, sempre animada e de bem com a vida.

Na história “O Alto Preço da Vida”, a personagem se apresenta para um jovem chamado Sexton, e afirma ser a encarnação do fim da vida. O jovem desacredita da história e descreve como seria a real aparência da morte na sua concepção, como veremos na figura 2.

Figura 2 - Sexton não acredita nas palavras de Morte.



Fonte: Morte Edição Definitiva (2014)

As afirmações de Sexton representam a maneira com que a sociedade se comporta diante da morte: com descrença; negando-a. É possível notar que as únicas coisas que perduram são traços da sua personificação, em especial traços herdados

da mitologia grega, que entre várias descrições apresentadas se referiam ao deus da morte, Tânatos, como uma caveira com uma foice.

Como o próprio Eliade (1979) afirma, carregamos símbolos eternamente conosco, suas formas podem mudar ao longo do tempo, porém, seu significado permanece imutável. Essa ideia também pode ser associada com os três mitos distintos acerca da morte que vimos no tópico 2.3. Nas três histórias mitológicas vemos figuras distintas que representam a morte e que possuem aparências especialmente amedrontadoras. O mesmo não pode ser dito de Morte, que visualmente aparenta ser uma garota meiga.

A bela aparência da personagem vai de encontro à fisionomia transmitida de Tânatos pela sociedade pós-moderna, em que podemos observar que a incredulidade de Sexton devido ao seu visual representa toda a visão social de que não há possibilidades daquela garota com traços delicados ser a encarnação da morte, uma vez que a figura da caveira e da foice são mais familiares para representar essa entidade.

Ainda dentro da estética da personagem, é importante destacar dois símbolos egípcios que estão sempre atrelados a ela e são essenciais ao seu visual: a Ankh e o olho de Hórus.

Como defendido por Jung (2016), símbolos carregam significados de tempos imemoriais, em especial símbolos coletivos, pois estes são ligados à religião, mitos e crenças de um povo, nesse caso, a sociedade egípcia.

O primeiro símbolo, a Ankh, é utilizado por Morte como um colar e também é seu símbolo como um dos perpétuos. Ela é definida como “(...) símbolo da vida, do universo e do homem, no antigo Egito” (JUNG, 2016, p. 64). Fundamentalmente, a Ankh difere do que seria Morte à primeira vista, puramente o fim da vida. Porém, ela se relaciona intimamente com os aspectos narrativos da personagem, que em suas histórias, trazem lições sobre a importância e valorização da vida, autoconhecimento, e reflexões acerca o entendimento do mundo.

O segundo símbolo é o olho de Hórus, que de acordo com Wilkinson (2003), é associado com a lua e representa proteção, além de ser costumeiramente pintado em barcos para servir como guia e mostrar o caminho aos marinheiros no mar mediterrâneo. Morte sempre utiliza uma maquiagem do olho de Hórus em um de seus olhos. O significado desse símbolo pode se relacionar perfeitamente com a função exercida pela personagem, em que a Morte serve como uma espécie de guia espiritual, dando libertação e ressignificado aos que estão perdidos e sem rumo.

Visualmente, a personagem se propõe a causar estranheza, pois quando se trata da morte, não é essa figura que estamos acostumados a imaginar. Os mitos retratavam criaturas de aparência intimidadora, e até assustadora, pois como representações do desconhecido, causavam temor ao ser humano, que conseqüentemente, criava essas representações sombrias que, mesmo parcialmente, sobrevivem e perduram no inconsciente humano até os dias de hoje.

Veremos adiante que a aparência e os símbolos que Morte carrega se relacionam e refletem diretamente na personalidade e narrativas da personagem.

4.2 Narrativa da morte dentro de Sandman

Dentro da narrativa, serão analisadas três histórias em que podemos ver algumas das facetas da personagem. Veremos a relação que ela tem com os mitos já apresentados, e também com a ideia formada de morte na pós-modernidade.

Morte, em suas histórias, é um ser de aparência delicada, bastante gentil e compreensiva, que normalmente se encontra com cada ser vivo apenas duas vezes: na hora do seu nascimento e na hora de sua morte.

“(...) Eu não queria uma Morte que sofresse pelo seu papel, ou tivesse um prazer mórbido com seu trabalho, ou que não se importasse. Queria uma morte que eu fosse gostar de encontrar, no fim. Alguém que se importasse. Como ela.” (GAIMAN, 2014, P. 264).

A personagem criada por Neil Gaiman é a mais humana dos perpétuos, é possível observar isso no seu comportamento e personalidade, e até em elementos visuais constituintes das HQs.

Como dito por Lima e Dias (2013) e Silva e Oliveira (2015), as HQs trabalham com elementos visuais e verbais para transmitir a mensagem de forma completa. Um desses elementos são os balões de fala, que, dentro da obra de Sandman possuem uma função específica para os perpétuos. A maioria das entidades possui um balão de fala diferenciado dos demais, exceto Morte, como poderemos ver a seguir na figura 3.

Os balões de fala da personagem se assemelham ao de qualquer outra pessoa comum dentro das histórias. Isso pode ser compreendido pela sua humanização e proximidade com os seres humanos, tornando-a como eles. Isso também se reflete até na maneira de falar. Morte possui um vocabulário moderno, o que implica em uma humanização e identificação por parte do leitor, enquanto seus irmãos falam de maneira mais culta, o que por vezes gera um tom humorístico.

Figura 3 - Morte conversa com seu irmão, Sonho.



Fonte: Morte Edição Definitiva (2014)

Fica clara a diferença entre os balões de fala de Morte e Sonho. Enquanto o balão de fala de Sonho possui bordas disformes, representando as distorções que são percebidas nos sonhos, além de ter a cor preta, que representa explicitamente sua personalidade soturna e sombria. O balão dela é comum, sem nenhum chamativo, representando sua natureza “normal” como veremos nas histórias a seguir.

A primeira história a ser analisada, chama-se “O Som de Suas Asas”. Trata-se da primeira aparição de Morte nas histórias de Sandman e um exemplo de como é a relação dos perpétuos entre si. Na história vemos Sonho em uma praça, desmotivado após cumprir sua vingança por ter sido aprisionado e seu reino ter desmoronado. Até que então Morte aparece, expressando preocupação com o irmão, mas também irritação por ele estar se lamentando, e após uma conversa, decide levá-lo junto dela por um dia, para que ele pudesse a acompanhar de perto enquanto ela cumpria seu papel como perpétuo.

É aqui que podemos ver a maneira com que Morte lida com as pessoas em seu momento final, e também como ela é recebida. Em um primeiro momento, morrer é algo inaceitável para as pessoas. A ideia de que não era a hora ou que tinham tantas coisas pela frente é recorrente naqueles que são visitados por Morte. Essa negação e repulsa pela morte se fazem muito presentes na pós-modernidade, que, como Trindade (2012) afirma, é um assunto que é visto como um empecilho, ou seja, a morte é algo que atrapalha, que deveria ser abolida para que não houvesse essa frustração de ver planos e sonhos desfeitos.

Mas logo em seguida, após um momento de conversa, Morte os acalenta, os tranquiliza, fazendo-os aceitar, ouvindo seus desabafo sobre a vida e guiando-os para o que ela chama de Terras Sem Sol.

Figura 4 - Morte conversa com um senhor que acaba de morrer.



Fonte: Morte Edição Definitiva (2014)

Sonho observa em silêncio o trabalho de sua irmã, enquanto ela leva suas almas, ele afirma sempre ouvir o som de poderosas asas batendo. O que significa a libertação dessa condição de existência para as pessoas, onde a Morte não é mais temida ou negada, mas vista como uma guia, uma amiga que os levará ao destino final.

Essa tarde ao lado de Morte deu à Sonho um novo propósito, libertou-o do sentimento de frustração que ele estava sentindo. Na visão dele, as pessoas deveriam

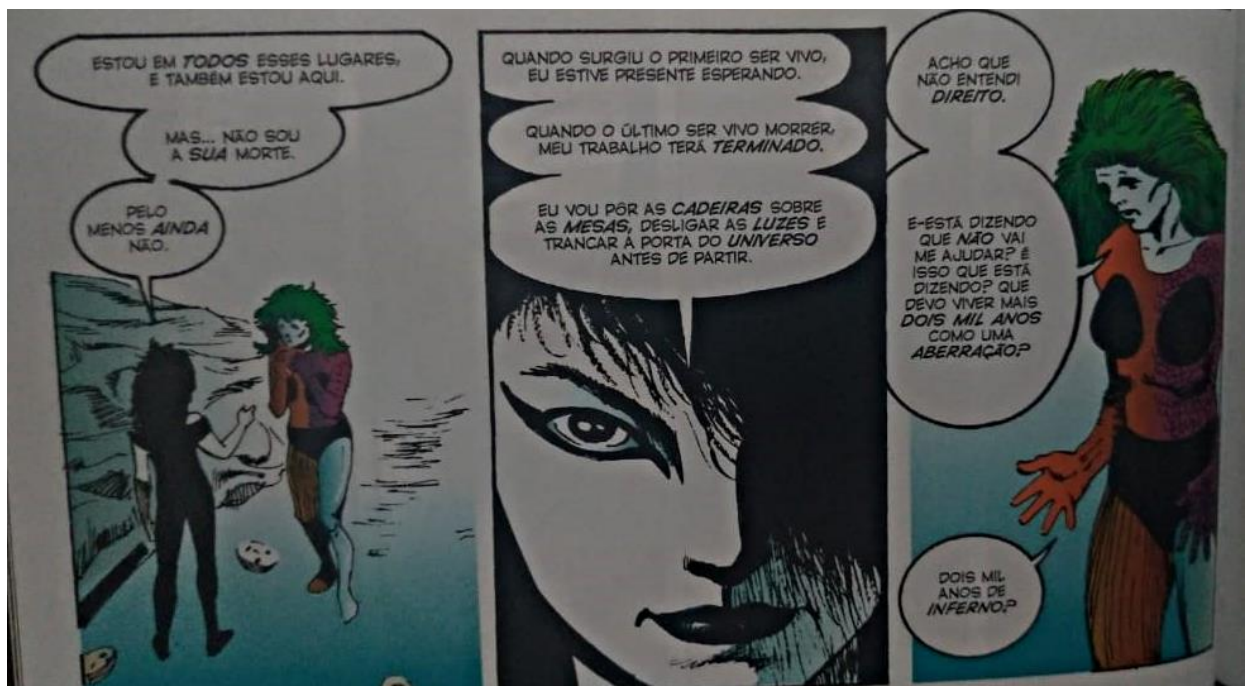
ser gratas pela dádiva da morte, assim como ele deveria estar grato por ainda ter a chance de reconstruir seu reino e desempenhar sua função como perpétuo. Assim, acaba a história, Sonho arremessando um punhado de grãos aos pombos no parque e ouvindo o bater de suas asas.

Nessa história podemos compreender a morte como um ponto de virada, uma ressignificação. A morte nessa história também pode ser interpretada de forma figurativa através de Sonho, que, através da morte do seu lamento e autopiedade pôde ter uma nova perspectiva a respeito da sua existência.

“Fachada” é o nome da segunda história. A narrativa é sobre Rainie, que foi amaldiçoada pelo deus egípcio Rá, e fez ela transmutar seu corpo em qualquer elemento químico, porém o custo disso foi ter seu corpo e rosto totalmente deformados. Devido a sua aparência, ela se isolou do mundo, não tinha amigos e nem familiares com quem contar. Viver para ela se tornou uma tortura sem fim, uma vez que, devido a maldição, ela não conseguia morrer apesar das tentativas de suicídio das mais diversas formas. No ápice do seu desespero e depressão, Morte apareceu em seu apartamento e serviu de ombro amigo para Rainie, como ela sempre fez com aqueles que morrem.

Ao descobrir que estava conversando com a personificação da morte, Rainie se alegra ao pensar que finalmente seu tormento irá acabar e ela poderá descansar em paz, porém Morte explica que a hora de Rainie ainda não era chegada.

Figura 5 - Morte conversa com Rainie.



Fonte: Morte Edição Definitiva (2014)

A garota consegue convencer Morte, porém lhe é dito que sua morte depende apenas dela e daquele que lhe concedeu a dádiva da transmutação. A garota, então se volta para o sol, a representação do deus Rá, e implora para que tudo acabe. Assim, ela encontra o fim que tanto desejou.

Através da história podemos refletir que a morte, tão abominada pela sociedade pós-moderna, pode ser uma dádiva para os que vivem em desespero, e que a imortalidade pode ser uma maldição sem fim. Assim, como podemos ver a forma que

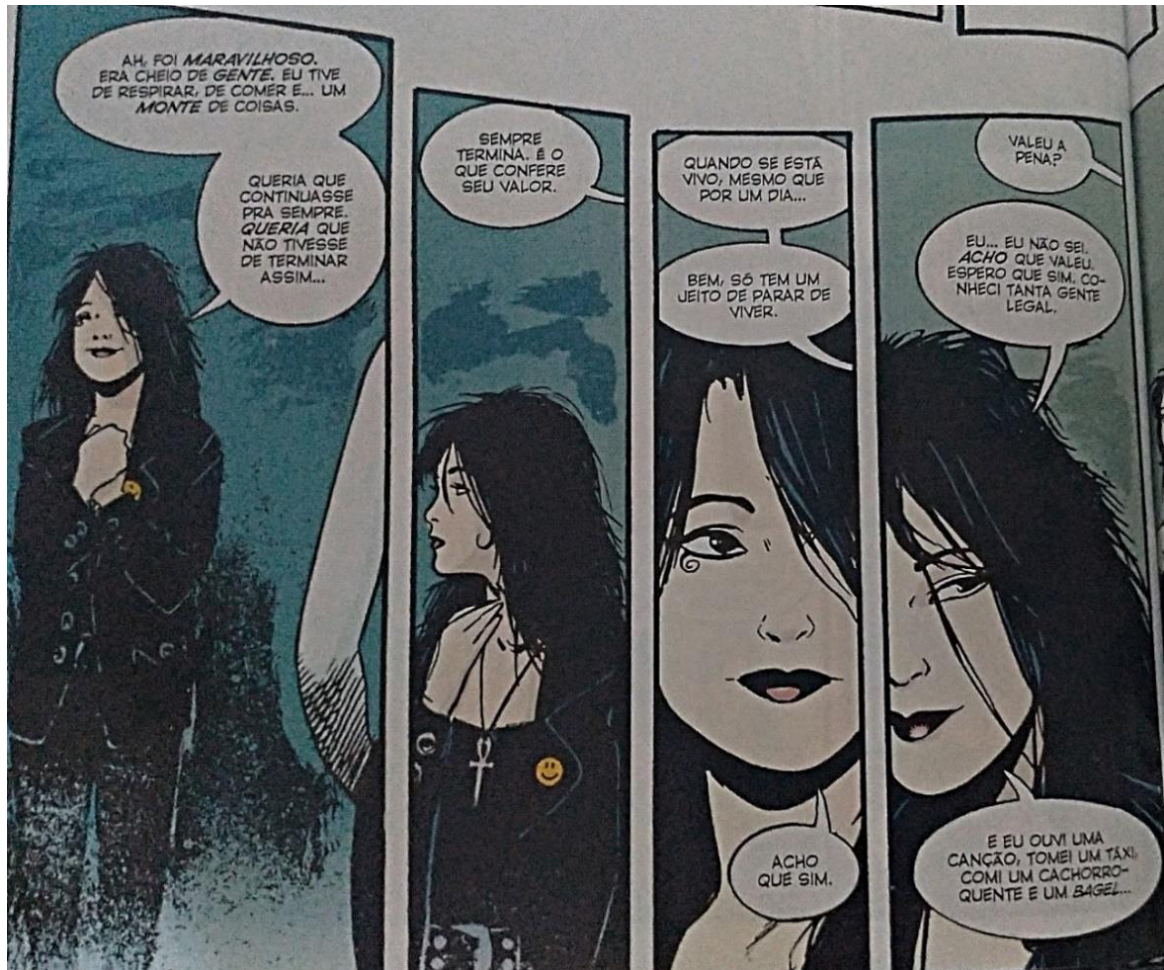
Morte enxerga sua função. Ela não se considera abençoada ou misericordiosa, ela apenas é. Não há prazer no seu trabalho, na verdade, ela o enxerga com uma normalidade que chega a ser banal, comparando-o com tarefas do dia a dia, porém, sabendo da sua importância.

Por fim, a terceira história se chama “O Alto Preço da Vida”. Aqui descobrimos que a cada cem anos, Morte passa um dia como mortal e ao final desse dia experencia a morte para compreender o que os humanos sentem ao morrer, tudo isso, para que ela nunca se esqueça de como cumprir sua função da maneira menos traumática possível para os que partem desta vida.

Neste dia, ela conhece Sexton, um jovem de 16 anos que estava planejando se matar, pois se sentia deslocado no mundo. Filho de pais separados e sem amigos, ele não enxerga sentido na vida e acha melhor dar um fim nela. Em meio a sua tentativa de suicídio em um lixão, ele é encontrado por Didi, a forma encarnada de Morte. Eles se conhecem e Sexton passa a acompanhá-la ao longo desse dia. Desde o início ela não esconde sua identidade para o jovem, que, como visto anteriormente na figura 2, não acredita e rejeita essa ideia de que aquela jovem seja a encarnação da morte.

Ao longo do dia os dois vão para diversos lugares, passam as mais diversas situações e se tornam muito próximos, tudo isso enquanto são perseguidos por um ocultista que deseja roubar a Ankh de Morte para alcançar a vida eterna. Ao fim do seu dia como mortal, ela agradece Sexton por estar com ela, e pelo dia que eles viveram. Então ela morre e se encontra com seu alter ego, Morte, que pergunta como foi a experiência e o que Didi sentiu naquele dia.

Figura 6 - Didi conta para Morte como foi estar viva por um dia.



Fonte: Morte Edição Definitiva (2014)

No fim, ambas voltam a ser uma só e Sexton volta para casa bastante mudado, enxergando a vida por outra perspectiva, tendo uma experiência de autoconhecimento em que ele percebe o valor que uma vida tem, até mesmo a sua que ele julgava ser sem sentido.

Nas três histórias foi possível observar que Morte, embora se passe em nossa sociedade atual, pós-moderna, traz consigo heranças mitológicas que contrastam com o entendimento de morte nos dias de hoje. Nos três mitos vistos a morte possuía sentidos muito semelhantes, e também possuía um significado para o seu tempo. Tânatos, Yama, Kali, Anúbis e Osíris eram a personificação do fim, mas não representavam apenas o fim propriamente dito, mas também o que viria após isso.

Como afirmado por Eliade (1972), as sociedades e seu estilo de vida eram totalmente influenciados pelos mitos de sua época. Assim, o que era transmitido através desses mitos acabava por ser tomado como verdade absoluta. Deste modo, as representações da morte vinham acompanhadas de um sentido ou propósito maior acerca delas, de que havia algo além da morte. Isso também pode ser observado nos ritos funerários, como afirma Giacoia (2005), em que para cada sociedade com uma concepção de morte diferente, havia uma forma distinta de realizar tais ritos e de lidar com os mortos.

Parte dessas tradições morais e culturais se perderam ao longo do tempo com o avanço científico e racionalização do homem, reconhece Jung (2016). Com a chegada da pós-modernidade, os mitos mudaram sua roupagem e são transmitidos de maneiras menos explícitas, seus temas e ritos já não moldam mais a nossa

sociedade como antigamente, em especial a morte, que é o tema principal deste trabalho.

Isso se reflete na HQ, na qual podemos observar o choque entre os elementos místicos, mitológicos e simbólicos trazidos por Morte, que simbolizam transformação, libertação e renascimento, colidindo contra elementos racionais e desmistificadores das pessoas/personagens com quem ela interage. Personagens que representam a nós mesmos como sociedade na atualidade, indivíduos desta máquina social que não para suas engrenagens, que não têm tempo para a morte e por isso prefere evitá-la, que tratam de seus mortos de maneira superficial e logo os deixam cair no esquecimento para que a vida seja tocada normalmente, como declara Trindade (2012).

Conseguimos ver que essa representação, e ao mesmo tempo, relação de antagonismo entre os elementos racionais e místicos, acontece em diversos níveis dentro da obra, assim também como no nosso mundo pós-moderno.

Primeiro visualmente, através dos dois símbolos que Morte exhibe, podemos observar que os temas carregados por eles são o primeiro ponto de contradição com a nossa sociedade atual. A Ankh, que simboliza a vida, e o olho de Hórus que é interpretado como um guia para a libertação, exercem sua função de representar o pós-vida e o seu caminho dentro da narrativa da personagem, porém dentro dos conceitos de sociedade pós-moderna até então presentes, esses símbolos não ultrapassam a barreira do visual, assim, não transmitindo seu significado, uma vez que quanto maior o grau de esclarecimento de uma sociedade, maior o seu afastamento do que é sobrenatural, como dito por Jung (2016). Assim, esses símbolos, como tantos outros, perderam seu espaço na sociedade atual, definida por Trindade (2012), sendo vistos apenas como adereços na personagem, perdendo sua carga simbólica e representacional, pois o ritmo moderno não permite mais esse tipo de crença ou superstição, sendo visto como algo retrógrado para o meio em que vivemos.

Ainda dentro do aspecto visual, podemos nos atentar para a aparência da personagem que difere muito da construção mitológica que temos, sendo representada apenas com uma garota de aparência gótica, mas que se misturaria facilmente no meio de uma multidão. Também podemos observar esse processo de humanização e simplificação da personagem através dos seus balões de fala, que não diferem em nada dos balões de personagens comuns e humanos. Isso pode ser compreendido como um recurso para que haja uma espécie de identificação, tanto entre os personagens da obra, quanto do leitor. Assim, através da sua humanização, Morte estabelece uma conexão com as pessoas, mesmo que visualmente ela não transmita a ideia do ser quem ela realmente é.

Em termos de narrativa, a construção da personagem se inspira nos arquétipos e nos mitos em sua essência. Ela herda todas as concepções de vida, morte, recomeço e ressignificado apresentados nas mitologias grega, egípcia e hindu. Até mesmo a sua representação, não sendo necessariamente boa ou ruim, se inspira na mitologia acerca da morte, uma vez que a personagem apenas cumpre seu papel, que não se encaixa dentro do juízo de valor do que é bom e do que é mau, pois a morte é um evento necessário para qualquer ser.

Dentro das três histórias podemos observar a relutância da racionalidade das pessoas em reconhecer Morte e o sobrenatural, utilizando a lógica para refutá-la e renegá-la. Assim, podemos compreender que Morte simboliza a luta do místico agarrando-se com todas as forças para sobreviver à nossa sociedade pós-moderna. Sendo assim, ela é a representação dos conceitos mitológicos, travestidos com uma

roupagem apropriada para o nosso tempo, com o intuito de não causar um sentimento desagradável e aversivo, como os deuses mitológicos e suas aparências causavam.

Assim, como os mitos moldavam as formas de viver em sociedade (ELIADE, 1972), é possível observar que sua ausência também o fazia. Por isso, através de Trindade (2012), podemos observar isso em uma parcela da sociedade que se vê indiferente aos assuntos místicos e desconhecidos devido à nossa racionalidade e caráter científico. Assim, através da obra, conseguimos estabelecer a relação entre a personagem Morte, os mitos e a sociedade, uma vez que ela serve como condutor de ideias. Trazendo à tona concepções e elementos mitológicos e simbólicos em nossa sociedade, estes que estão enterrados sob a racionalidade, razão e a frieza da pós-modernidade.

Portanto, Morte reaviva o sentimento de que morrer é natural, mas não banal. Toda vida e toda morte parecem ter uma finalidade, e morrer não é necessariamente ruim como a sociedade pós-moderna nos faz pensar. Porém, antes de partir é necessário que essa vida, ao chegar ao fim, entenda seu propósito. É isso que a personagem faz com cada pessoa com quem ela interage, infundindo misticidade e significado naqueles que estão repletos de racionalização, e, devido a isso, sentem que não há um propósito maior em suas vidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que os objetivos do presente trabalho foram compreender o significado dos símbolos e mitos acerca da morte dentro da obra; analisar os seus elementos visuais e narrativos; e estabelecer uma relação entre a personagem Morte, mitos e sociedade pós-moderna. Constatamos que os mesmos foram alcançados, visto que, percebemos como esses mitos e símbolos carregados de significados podiam mudar seu aspecto físico, e ainda assim, manter suas ideais fundamentais, moldando e ditando as crenças das sociedades antigas.

Também constatamos que ao analisar os aspectos visuais, observamos que os significados carregados pela Ankh e olho de Hórus não conseguem cumprir seu papel visual em plena totalidade, e transmitir, também de maneira visual, seus significados para os personagens humanos da sociedade pós-moderna dentro da obra, uma vez que eles são vistos apenas como adereços da personagem, quando, na verdade, seus significados podem ser captados pelo leitor, visual e narrativamente.

No âmbito narrativo, por outro lado, é possível ver a clara inspiração nas mitologias para a composição da simbologia da personagem, que embora seja a morte, representa muito mais que isso. Assim, visualmente, Morte e os elementos estéticos que a constituem, se assemelham com qualquer outra pessoa de nossa época, mas do ponto de vista narrativo, ela traz para nosso mundo a misticidade e sobrenaturalidade que perderam espaço na nossa sociedade devido a racionalização.

Assim, foi possível relacionar a personagem, os mitos e símbolos, e a sociedade pós-moderna, uma vez que Morte lida com pessoas que, dentro da concepção de Jung (2016) e Trindade (2012), estão em uma época tão racional que a morte se tornou algo abominável, algo privado de qualquer sentido ou significado. Nesse ponto se encaixa a personagem, pois ela une elementos mitológicos, como o renascimento; a resignificação; e libertação, aos elementos racionais. Sua forma de se vestir, de falar, aparência, e comportamento são um reflexo da sociedade atual, pois ninguém ao ver aquela garota de aparência meiga e delicada, imaginaria que ela

poderia ser a encarnação do fim da vida. Por outro lado, a carga de significado e sentido que a personagem atribui à morte, e as lições que ela transmite através de experiências com os que se encontram com ela, são totalmente míticos. Portanto, compreendemos ela como a incorporação dos elementos mitológicos com uma roupagem pós-moderna.

Por fim, através desta pesquisa, abrem-se novas possibilidades de estudos sobre a obra, com outras óticas de estudos sobre a compreensão de símbolos e representações. Também sendo possível a análise de outros aspectos dentro do universo de *Sandman*, uma vez que este aborda as mais distintas temáticas, todas abertas para um estudo e aprofundamento posterior.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Saber acadêmico**. São Paulo, n. 06, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FONTANA, Vanessa Furtado. Sartre: O Existencialismo Em Torno Da Morte. **Aufklärung**, João Pessoa, v.7, n3, p. (99-110), Set-Dez, 2020.
- GAIMAN, Neil. **Morte Edição Definitiva**. São Paulo: Panini Books, 2014.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIACOIA, Oswaldo Júnior. A visão da morte ao longo do tempo. **Revista Medicina**, 38(1), 13- 19. Ribeirão Preto: 2005.
- JUNG, Carl Gustav. Chegando ao Inconsciente. In: JUNG, Carl G.[et al.] **O Homem e Seus Símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro. HarperCollins Brasil, 2016.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LIMA, Erida Souza; DIAS, Marília Silva. **As histórias em quadrinhos como ferramenta didática no processo ensino/aprendizagem de e/le**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2013.
- SILVA, Antonia Morgana; OLIVEIRA, Karliara Freitas. **As histórias em quadrinhos como ferramenta didática no ensino da língua espanhola/le**. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.
- SILVA, Carolina; VAZ, Taiany. **A Morte Segundo a Visão de Diferentes Religiões**. Niterói: 2002.

SILVA, Shelton. Sandman | Morre Cinamon Hadley, mulher que inspirou personagem de Neil Gaiman. terraverso.com.br. 09/01/2018.

SILVERMAN, D. O divino e as divindades no Antigo Egito. In: SHAFER, B. E. (org) **As religiões no Antigo Egito. Deuses, mitos e rituais domésticos**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

TRINDADE, Alessandra Accorsi. **Percorrendo os caminhos da morte rumo à personificação em As intermitências da morte e o Triunfo da morte**. Tese (Doutorado), 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2012.

WILKINSON, Richard. **The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt**. New York: Thames & Hudson, 2003.

AGRADECIMENTOS

À minha família por todo apoio, em especial minha mãe, que sempre esteve ao meu lado em todas as decisões que tomei.

Aos meus amigos da UEPB e da vida, que são como irmãos para mim, e que nunca me deixaram desanimar ou desistir. Vocês sempre estarão em meu coração.

À Fábio de Jesus (In Memoriam), meu melhor amigo. Que esteve presente nos momentos difíceis e alegres. Espero que esteja na paz de Deus.

Aos meus professores da graduação, que sempre acreditaram na minha capacidade e me instruíram da melhor maneira que puderam, especialmente na área de literatura.

À Neil Gaiman, que através da sua obra, me proporcionou a melhor leitura da minha vida.